

O toque do piano de Luis Felipe Gama

Catharina Braga*

O pianista e compositor Luis Felipe Gama se apresentará na Asa Sul neste fim de semana. Com as vozes de Joana Duah, Ana Reis, Taís Guerino e Myrlla Muniz, o show No meio do mundo terá também a participação do violoncelista Ocelo Mendonça.

Conhecido por suas parcerias com nomes como Guinga e Pablo Minalez, Luis Felipe Gama gravou este ano com Ney Matogrosso e Zeca Baleiro. O artista afirma que a ideia do espetáculo é trazer seu repertório reinterpretado por cantoras brasilienses. Além de músicas autorais de Gama, o público poderá

desfrutar de canções de Chico Buarque, Caymmi e Dominguinhos. O músico também irá performar uma valsa com Taís Guerino para demonstrar a parceria musical entre ele e os convidados.

“Pretendo repetir esse show em vários lugares do mundo. O nome diz respeito a estar misturado a todos os artistas que me interessam e se interessarem por mim”, explica ele o porquê do nome ‘No meio do mundo’. O objetivo do pianista é criar raízes em cada lugar que irá se apresentar.

*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

DIVULGAÇÃO

O músico já se apresentou em turnês nacionais e internacionais



SERVIÇO

No meio do mundo

Amanhã, às 19h, no bar Eye Patch Panda (514 Sul). Ingressos, que custam R\$20, disponíveis no Sympla.

Cultura nordestina

Bianca Lucca*

Neste domingo, a Casa do Cantador, em Ceilândia, será palco para a primeira edição do evento O Canto do Caburé, um Festejo de Pife. A comemoração reunirá o Mestre Zé do Pife e brincantes da nova geração que propagam a cultura do pífano no DF. Realizado pelo grupo Pitoco de Bambu, a festa celebra a cultura nordestina com entrada gratuita e interpretação em Libras a partir das 15h.

A abertura do evento será o bate papo Roda de Prosa — Do Sertão à Cidade: O pife como identidade musical brasiliense. O debate é aberto ao público e terá duas horas de duração. A partir das 17h, o Bloco de Pife Pitoco de Bambu iniciará a programação musical com um cortejo de danças e brincadeiras tradicionais. Em seguida, a banda Pitoco de Bambu e o grupo Ventoinha de Canudo subirão ao palco da Casa. O Mestre Zé do Pife encerrará a noite em uma apresentação ao lado de aprendizes às 20h.

O festejo é uma das ações que integram o projeto O Pife do Distrito Federal, cujo objetivo é difundir a cultura do pife no DF. Também chamado de pífano, o pife é uma flauta tradicional do Nordeste do Brasil, feita geralmente de bambu ou madeira. Originário de tradições indígenas, o instrumento faz parte das Bandas de Pife, também conhecidas como zabumba, cabaçal ou terno de pifanos.

Caroline Moreira, integrante do grupo Pitoco de Bambu e proponente do projeto, descreve que a motivação da criação do projeto surgiu do contato com uma oficina de pife cujo Mestre Zé ministrava.

TATIANA REIS



Mestre Zé do Pife + Pitoco de Bambu: tarde de celebração da cultura popular

SERVIÇO

O Canto do Caburé, um Festejo de Pife

No domingo, das 15h às 21h, na Casa do Cantador (Ceilândia). Entrada franca e livre para todos os públicos.

Desde então, Caroline se envolveu na causa: “A diversidade da população de Brasília, com uma forte influência nordestina, permitiu que o som do pife se adaptasse e adquirisse novos significados na cidade. Mestres como Zé do Pife e outros músicos foram essenciais para a consolidação dessa cultura, refletindo a pluralidade da capital e enriquecendo seu cenário musical”.

A idealizadora destaca Mestre como uma figura fundamental na promoção da cultura do pife. Graças a influência de Zé do Pife, muitas bandas do gênero tiveram um primeiro contato com o pífano. “Enxergamos que sua forma de ensino é potente porque parte do compartilhamento pessoal das suas histórias e vivências, o que gera um vínculo ainda maior com quem está conhecendo e aprendendo sobre esse universo”, descreve. A missão da banda que Caroline

integra é repassar os ensinamentos do Mestre.

Foi para trabalhar o ritmo nordestino com um público diverso que as oficinas culturais surgiram no projeto. As atividades com o pife resultaram em experiências positivas para todos os envolvidos, quando Caroline relata a doação de 30 pifes aos participantes. “Acreditamos que esta ação impulsiona o aprendizado, quando a gente tem o instrumento para praticar o que foi aprendido, é diferente. Como o baião e o forró são ritmos muito populares, pudemos perceber que muitas pessoas já possuíam uma certa relação prévia com ele, o que tornou o aprendizado ainda mais intuitivo e divertido!”, exclama.

*Estagiária sob supervisão de Severino Francisco